

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Segurança Alimentar e Nutricional

Período de Análise: abril de 2010.

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Globo Rural
Revista Isto é Dinheiro Rura

Índice

Agricultura e clima: a fome em jogo – Robert Bailey – O Globo – Opinião – 06/04/2010	3
O divórcio do arroz e do feijão – Catarina Alancastro – O Globo – O País – 08/04/2010	4

Não é notícia, mas uma tragédia de proporções inimagináveis acontece ao nosso redor. Em silêncio, 1 bilhão de pessoas passam fome diariamente.

Enquanto alguns jogam comida fora, milhões morrem de causas relacionadas à falta de alimento. Na GrãBretanha, onde moro, cerca de um terço da comida é desperdiçada — o que equivale, em valor, à metade dos produtos alimentícios importados por todo o continente africano durante um ano.

A fome é resultado de um fracasso da política, não da produção. A maior parte dos países em desenvolvimento descuidou de sua agricultura, mingando os investimentos no setor.

Por sua vez, os países ricos contribuíram duplamente para agravar o problema. Entre 1980 e 2006, eles reduziram drasticamente a ajuda internacional à agricultura dos países mais pobres, uma queda de 58% no período. Entretanto, não aplicaram a mesma regra internamente, ao contrário: protegeram seus próprios produtores, oferecendo-lhes enormes subsídios, que alcançaram 300 bilhões de dólares por ano — três vezes mais do que o valor da ajuda internacional — inviabilizando, assim, a concorrência dos produtores dos países em desenvolvimento.

Apoiar a agricultura familiar nos países em desenvolvimento e, concomitantemente, reduzir os subsídios aos produtores rurais dos países ricos podem contribuir para resolver o problema, tendo em vista que grande parte da fome mundial está concentrada no campo. Espera-se que os formuladores de políticas públicas, bem como os políticos, façam mais do que o feijão com arroz na esfera agrícola.

Eles podem implementar medidas que protejam os mais pobres das consequências da elevação dos preços dos alimentos como fizeram em 2008 ou de outros fatores que conspiram para que famílias passem fome. O programa Oportunidades, desenvolvido pelo México, e o Bolsa Família, do Brasil, constroem a resiliência de famílias mais pobres, amenizando os choques causados pelo desemprego repentino ou pelo aumento brusco de preço dos alimentos.

Acabar com a fome é meta perfeitamente alcançável se os políticos enfrentarem as elites e os grupos que defendem interesses de alguns em detrimento dos da maioria. Mas eles não o fazem. Os lobbies agrícolas bloqueiam iniciativas de liberalização da agricultura nos países ricos mesmo com evidências de que os subsídios representam desperdício grotesco do dinheiro do contribuinte.

Ironicamente, iniciativas de proteção social são rejeitadas pelas elites com os argumentos de que elas promovem a dependência dos mais pobres e o aumento dos impostos. Mas, se continuarmos como estamos, o que é uma tragédia hoje se tornará uma catástrofe amanhã.

Até 2050, o crescimento da população, concentrado nos países mais pobres e com menores condições de garantir a segurança alimentar de sua população, adicionará mais 2,5 bilhões de pessoas ao planeta.

Ao mesmo tempo, as populações dos países emergentes, uma vez mais ricas, consumirão mais, aumentando a demanda por grãos, terras e água.

De acordo com as tendências de consumo, a demanda por alimentos dobrará em meados deste século.

No entanto, o aumento necessário na produção de alimentos deverá ser acompanhado por uma redução global de 90% na emissão dos gases de efeito estufa, se quisermos evitar uma catástrofe climática. E, como a agricultura contribui com cerca de um terço das emissões mundiais, ela não vai escapar aos cortes.

O maior e mais urgente desafio que a Humanidade enfrenta está na seguinte pergunta: como alimentar 9 bilhões de pessoas sem contribuir para mudanças climáticas irreversíveis? É incrível, mas ninguém quer falar sobre isso. A Oxfam, organização onde eu trabalho, debruça-se sobre a questão, todavia não encontrou uma resposta. Mas eu acredito que ela exista. Para alcançá-la é preciso realizar estudos e pesquisas sobre modelos de agricultura sustentável, regras justas para o comércio internacional, doações maciças e investimentos públicos expressivos para o setor agrícola e programas de proteção social, mudanças profundas na maneira como as pessoas consomem alimentos nos países ricos, e um acordo climático global justo que proporcione a redução das emissões necessárias e que ponha fim ao desmatamento.

Admito que isso parece mais uma lista de compras do que um programa de ação, mas de algo estou absolutamente seguro: se não resolvermos a fome de hoje, a catástrofe de amanhã está garantida.

O divórcio do arroz e do feijão – Catarina Alancastro – O Globo – O País –
08/04/2010

Brasil come cada vez pior e nem mesmo prato tradicional sobreviveu a 'fast food'

Opadrão alimentar do brasileiro mudou — e para pior.

Ele passou a consumir mais frutas e verduras, porém continua a comer muita carne gordurosa e tem optado por alimentos práticos, como comidas semiprontas, que são menos nutritivas. O supernutritivo feijão, que fazia o famoso par com o arroz, também perdeu espaço na mesa dos brasileiros, que, para agravar o quadro, se exercitam menos. Essas conclusões foram divulgadas ontem pelo Ministério da Saúde, que entrevistou 54.367 pessoas entre os dias 12 de janeiro e 22 de dezembro do ano passado. — Vivemos uma transição alimentar bastante negativa. Nosso querido feijão, que é uma fonte fantástica de fibra e proteína, tem sido menos consumido. Já a ingestão de refrigerantes tem aumentado, assim como a de sucos artificiais. Isso expressa mudanças na dinâmica da família brasileira, que está com menos tempo de preparar comida em casa — observa o ministro da Saúde, José Gomes Temporão.

O consumo de frutas e verduras cresceu, mas ainda é insuficiente

Rio consome mais frutas e hortaliças

Segundo o levantamento, 30,4% da população com mais de 18 anos comem frutas e hortaliças cinco ou mais vezes na semana. Entre os entrevistados, 18,9% disseram consumir cinco porções diárias (cerca de 400 gramas) desses alimentos, mais do que o dobro do contingente que revelava ter esse saudável hábito — que é recomendado pela Organização Mundial de Saúde — em 2006.

No Rio de Janeiro, o consumo frequente de frutas e hortaliças é maior do que a média nacional: 31,9%, sendo que as mulheres estão mais atentas a isso: 37,8% das cariocas comem frutas e hortaliças pelo menos cinco vezes por semana, contra 24,9% dos homens que moram no Rio. Uma boa notícia apresentada ontem foi a redução da ingestão de carnes com excesso de gordura em 15,8%. No ano passado, 33% dos adultos disseram que comem esses alimentos, contra 39,2% em 2006.

No Rio, a preocupação em optar por carnes mais leves é maior do que na

maioria das capitais brasileiras: somente 26,7% dos cariocas escolhem as carnes gordurosas. Este é o terceiro menor consumo registrado nas capitais do Brasil, atrás de Salvador (24,4%) e Recife (26,2%).

O dado negativo é que os refrigerantes e sucos artificiais — que têm alta concentração de açúcar — têm ganhado espaço na preferência dos brasileiros. Ao todo, 76% dos adultos bebem esses produtos pelo menos uma vez na semana e 27,9%, cinco vezes ou mais na semana. O consumo quase diário aumentou 13,4% em um ano. Entre os jovens de 18 a 24 anos, a popularidade dos refrigerantes é ainda maior: 42,1% bebem refrigerantes quase todos os dias. E embora o mercado ofereça versões com menos açúcar, como os diet e os light, somente 15% dos brasileiros optam por eles.

Cariocas ainda amam o feijão

Enquanto isso, o feijão vem perdendo prestígio nas cozinhas do país. Em 2006, 71,9% da população revelava comer o grão ao menos cinco vezes na semana. Mas, no ano passado, o consumo frequente caiu para 65,8%. No Rio, no entanto, a média de consumo do feijão ainda é alta: 71,7%. O alimento, rico em ferro e fibras, tem preparo demorado, o que, segundo o Ministério da Saúde pode explicar esse resultado.

— O feijão requer tempo de preparo e pressupõe uma comida caseira.

Com a mudança no estilo de vida da população, ele está saindo da rotina do brasileiro — avalia Deborah Malta, da Secretaria de Vigilância em Saúde do ministério.

O aumento do sedentarismo também é uma questão que preocupa o governo. Atualmente, 16,4% dos brasileiros se encontram nessa situação, 24% a mais do que o índice registrado há quatro anos.

Associada aos maus hábitos alimentares, a falta de exercícios físicos regulares é um dos principais pré-requisitos para o aparecimento de doenças crônicas, como diabetes, obesidade e diversos tipos de câncer. Apenas 14,7% dos adultos praticam algum tipo de atividade regular (30 minutos diários, cinco vezes por semana).

Considerando aqueles que se deslocam para o trabalho ou para escola a pé ou de bicicleta, o índice sobe para 30,8%. No Rio, o percentual de pessoas que dizem praticar regularmente algum exercício é de 16,1%. Os homens cariocas saem na frente das mulheres nesse quesito: 19,9% contra 13%.